

Morreu Tancredo, renasce a liberdade

POR amor à liberdade, morreu pela democracia, único regime no qual sempre acreditou. Por amor à causa do povo, descuidou-se da própria saúde e adiou uma intervenção cirúrgica que não podia adiar. Mas a morte, quase inacreditável, de Tancredo de Almeida Neves, aos 75 anos, detentor sem disputa do título de o maior estadista do País, após 38 dias de indescritível sofrimento, haverá de marcar, definitivamente, por tudo o que vivo representou, o renascimento da liberdade e a consolidação do Estado de Direito democrático entre nós.

Não foi por acaso que sua morte aconteceu no dia 21 de abril, quase 200 anos após o martírio de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Essa coincidência histórica é a confirmação de que, daqui de Minas, quaisquer que sejam os seus caminhos, haverá de partir sempre um só grito — o de independência do povo brasileiro e o de defesa e amor eterno à liberdade.

Passada essa dor profunda, que dominou o País inteiro, enxugadas as lágrimas que generosamente se verteram e ainda se vertem por aquele que soube ser simples entre grandes e pequenos, a conclusão a que fatalmente se chegará será a de que Tancredo viverá para sempre no cotação de todos os brasileiros. Na verdade, ele encerra sua carreira de político, com aquele sentido irrepreensível de respeitabilidade que deve ser a marca de todo homem público, com chave de ouro. Nos seus 51 anos de vida política, viveu pela causa pública. E agora, após demonstrar pelo exemplo o que se pode fazer por um povo carente de líderes, também morreu pela causa pública.

Cabe aos brasileiros interpretar essa lição de vida e de morte. Cabe aos brasileiros retirar, de sua vida de simples mortal, portador como qualquer um de virtudes e defeitos, os exemplos de que vamos necessitar para levar este País a cumprir o seu irrecusável destino de liberdade. Sua presença, ainda que morto agora, será a nossa força maior para impedir que, novamente, como tantas vezes já ocorreu, se interrompa bruscamente a nossa história e se manche, sob os mais variados matizes da violência, a nossa terra bendita.

É sem dúvida muito difícil aceitar que o sacrifício imposto a Tancredo tenha sido necessário para que o País, após essa manifestação pacífica do povo em favor de mudanças políticas, reencontre o seu verdadeiro caminho, após 21 anos de implacável autoritarismo, que castrou nossa gente e nos tornou menores perante as nações de todo o mundo. Mas esse sacrifício não será em vão se esse mesmo povo, unido em torno do ideal de Tancredo Neves, feito somente de simplicidade e de amor à causa da liberdade, seguir confiante em frente, sem atropelos, mas firme e decidido a mostrar aos seus falsos donos que “não há pátria onde falta a democracia”. O desafio que se abre à sua frente terá que ser enfrentado sem retardamentos,



rapidamente, sob a presidência de José Sarney, que não tem outra opção senão levar adiante um projeto que, por herança legítima, hoje pertence a 130 milhões de brasileiros.

É realmente muito difícil, para a família e para todo o povo brasileiro, aceitar o trágico desenlace. A nação inteira, órfã, chora a perda daquele que lhe transmitiu a esperança e, mais que tudo, a certeza de que dias melhores, sob sua vigilância, surgiriam para todos eles. Por isso, todos sabem: não será fácil manter essa chama acesa. Mas o cumprimento do dever nem sempre é tarefa fácil. Como na vida de Tancredo, os momentos de desalento e cansaço, que nunca escondeu, serão permanentemente vencidos, pois “a causa do povo exige também coragem”. As mesmas energias que levara-

ram Tancredo à sua incrível maratona política, por terem se originado no próprio povo, hão de continuar intactas. É do seu discurso, pronunciado momentos depois de ser eleito, na Câmara Federal, o seguinte trecho:

— A história da Pátria, que se iluminou através dos séculos com o martírio da Inconfidência Mineira; que registra, com orgulho, a força do sentimento de unidade nacional sobre as insurreições libertárias durante o Império; que fixou, para a admiração dos pósteros, a bravura de brasileiros que pegaram em armas na defesa de postulados cívicos contra os vícios da Primeira República, a história situará na eternidade o espetáculo inesquecível das grandes multidões que, em atos pacíficos de participação e de esperança, vieram para as ruas, reivindicar a devolução do voto popular na escolha direta para a Presidência da República. Frustradas nos resultados imediatos dessa campanha memorável, as multidões não desesperaram, nem cruzaram os braços. Convocaram-nos a que viéssemos ao Colégio Eleitoral e fizéssemos dele o instrumento de sua própria perempção, criando, com as armas que não se rendiam, o governo que restaurasse a plenitude democrática.

Tancredo enfrentou o desafio e o venceu. O fato de não haver assumido o alto posto de Presidente da República não significa que não tenha cumprido a contento sua missão. Esta, quem sabe, se encerrou no lançamento de suas bases, absolutamente necessárias à construção de um futuro mais palpável. O Presidente José Sarney não terá, pois, nada a fazer de melhor do que, como Tancredo, reafirmar o compromisso de resgatar duas aspirações que, nos últimos 20 anos, sustentaram, com penosa obstinação, a esperança do povo:

- Esta foi a última eleição indireta do país.
- Venho para realizar urgentes e corajosas mudanças políticas, sociais e econômicas, indispensáveis ao bem-estar do povo.

ACILIO LARA REZENDE

Diretor Regional do JORNAL DO BRASIL em Mirias